

# O Misterioso sr. Duffill

---

EU ME LEMBRO DO SR. DUFFILL PORQUE SEU NOME SE TORNOU UM VERBO – usado inicialmente por Molesworth, e mais tarde por mim. Ele estava bem à minha frente, na fila da Plataforma 7 da estação Victoria, onde eram feitos os “Embarques para o Continente”. Era velho e usava roupas grandes demais para ele; talvez tivesse saído de casa às pressas e vestido as roupas erradas. Ou talvez tivesse acabado de deixar o hospital. Ao caminhar, pisava sobre as bainhas das calças, que roçavam o chão, transformando-as em farrapos. Carregava vários pacotes de formato estranho, embrulhados em papel pardo e amarrados com barbante – eram mais parecidos com a bagagem de um terrorista descuidado do que com a de um intrépido viajante. As etiquetas dos pacotes tremulavam na corrente de ar da plataforma e todas informavam seu nome, *R. Duffill*, e seu endereço, *Splendid Palas Hotel, Istambul*. Iríamos viajar juntos. Uma viúva rica, coberta por um véu recatado, do tipo que é satirizado nas comédias de costumes, teria sido mais bem-vinda – sobretudo se sua bolsa estivesse recheada de gim e alguma herança. Mas não havia nenhuma viúva; havia apenas excursionistas, alguns europeus do continente voltando para casa com sacolas da Harrods, vendedores, garotas francesas com amigas carancudas e grisalhos casais ingleses, que aparentemente estavam embarcando, pois tinham os braços cheios de romances, em luxuosos adultérios literários. Nenhum deles iria além de Liubliana. Duffill iria para Istambul – perguntei-me qual seria o motivo. Eu estava partindo sem chamar atenção. Não tinha emprego – ninguém notou que, de repente, parei de falar, beijei minha esposa e embarquei sozinho no trem das 15h30.

Com o trem roncando através de Clapham, ocorreu-me que viajar era em parte uma fuga, em parte uma perseguição. Deixamos para trás os terraços de tijolos, os depósitos de carvão e os exíguos jardins dos subúrbios ao sul de Londres, e passamos pelas áreas esportivas do

Dulwich College – onde garotos de gravata se exercitavam preguiçosamente. Embalado pelo movimento do trem, eu já nem me lembrava das manchetes dos jornais que lera durante a manhã: BEBÊ KRISTEN: MULHER SERÁ ACUSADA e PLANO PARA LIBERTAR ASSASSINA DE NOVE ANOS. Nenhuma delas estampava: ROMANCISTA DESAPARECE, o que era bom. Passamos por uma fileira de casas geminadas e entramos em um túnel. Depois de um minuto em completa escuridão, entramos em um novo cenário – campos abertos onde vacas pastavam e homens de blusões azuis empilhavam feno. Tínhamos emergido de Londres, a cidade cinzenta e úmida que ocupava o subsolo. Em Sevenoaks, atravessamos mais um túnel, outra cena pastoral, cavalos escavando a terra, algumas ovelhas ajoelhadas, corvos pousados em secadores de lúpulo e, por uma das janelas, o rápido vislumbre de um conjunto de casas pré-fabricadas. Por outra janela, uma fazenda jacobita e mais vacas. Assim é a Inglaterra: os subúrbios se sobrepõem às fazendas. Em diversas passagens de nível, as estradas rurais estavam entulhadas de automóveis, que formavam filas de 100 metros. Os passageiros do trem olhavam com uma maligna satisfação para os carros enfileirados e pareciam murmurar: “Abram alas, babacas!”

O céu estava escurecendo. Estudantes de blazers azul-escuros, com as meias arriadas, carregando tacos de críquete e malas escolares, sorriam de modo presunçoso na plataforma de Tonbridge. Passamos velozmente por eles, apagando aqueles sorrisos. Não parávamos nem mesmo nas estações maiores, que eu contemplava do vagão-restaurante, tomando chá em uma xícara descartável. O sr. Duffill, também recurvado, vigiava seus pacotes e mexia o chá com uma espátula, dessas que os médicos usam para comprimir a língua e examinar a garganta. Tinha o olhar ansioso de um homem que esqueceu a bagagem em algum lugar, o olhar de um homem que pensa estar sendo seguido. Suas roupas largas faziam com que parecesse frágil. Um sobretudo de gabardine pardo pendia de seus ombros – com mangas tão compridas que chegavam às pontas de seus dedos, combinando com as bainhas pisoteadas das calças. Ele cheirava a crosta de pão. Ainda usava o boné de tweed e, assim como eu, lutava contra um resfriado. Seus sapatos eram interessantes, do tipo resistente usado pelas pessoas do campo. Embora eu não conseguisse

identificar seu sotaque – enquanto ele pedia sidra ao garçom –, havia algo de provinciano nele, uma teimosa sobriedade nas roupas práticas, que seriam consideradas andrajosas em um londrino. Ele certamente saberia dizer onde comprara o boné e o casaco, quanto pagara por eles e havia quanto tempo comprara os sapatos. Alguns minutos mais tarde, passei perto dele e vi que ele abrira um dos pacotes. Uma faca, um pedaço de pão francês, um tubo de mostarda e fatias de salame de um vermelho vivo estavam à sua frente. Perdido em seus pensamentos, sem pressa, ele mastigava um sanduíche.

Na Gare du Nord, nosso vagão foi acoplado a outra locomotiva. Duffill e eu, da plataforma, observamos a operação. Depois embarcamos. Ele demorou bastante tempo para subir no vagão, e o esforço o deixou resfolegante no corredor. Ainda estava lá, ofegando, quando o trem saiu da estação para fazer o trajeto de vinte minutos até a Gare de Lyon, onde nos juntaríamos ao resto do Expresso do Oriente. Passava das 11 da noite e a maioria dos prédios ao redor estava às escuras. Ao embarcar no Expresso do Oriente, Duffill usava óculos com aro de metal com tanta fita adesiva nas lentes, que ele não conseguiria enxergar a Mesquita Azul. Resmungando, juntou aos seus pacotes uma mala amarrada com várias correias de couro e lona – uma garantia adicional para que o fecho não estourasse. Encontramo-nos de novo alguns vagões à frente, para ler a placa ao lado do vagão-leito: EXPRESSO DO ORIENTE e seu itinerário: PARIS – LAUSANNE – MILÃO – TRIESTE – ZAGREB – BELGRADO – SÓFIA – ISTAMBUL. Permanecemos ali, olhando para a placa; Duffill usava os óculos como binóculos. Finalmente, disse:

– Viajei neste trem em 1929.

Isso parecia pedir uma resposta. Mas, quando ela me ocorreu (“A julgar pelas aparências, deve ter sido o mesmo trem!”), Duffill já havia recolhido seus pacotes e a mala com as correias e se afastado. Era um ótimo trem em 1929 e nem é preciso dizer que o Expresso do Oriente é o trem mais famoso do mundo. Assim como o Transiberiano, liga a Europa à Ásia, o que em parte explica seu romantismo. Mas também foi consagrado pela ficção: a irrequieta Lady Chatterley andou nele; Hercule Poirot e James Bond também; alguns dos céticos personagens de Graham Greene

vijaram nele, antes mesmo que ele o fizesse (“Como não podia tomar o trem para Istambul, o máximo que eu podia fazer era comprar o disco *Pacific 231*,\* de Honegger, escreve Greene na introdução de *Trem de Istambul*). A fonte ficcional do romance é *La Madone des Sleepings* (Sedutora internacional, 1925) do escritor francês Maurice Dekobra. Lady Diana, a heroína de Dekobra (“o tipo de mulher que teria levado John Ruskin às lágrimas”), está completamente encantada com o Expresso do Oriente: “Eu tenho uma passagem para Constantinopla. Mas posso descer em Viena ou Budapeste. Vai depender do acaso ou da cor dos olhos do meu vizinho de cabine.”

Minha cabine era um compartimento minúsculo com beliche e uma escada grande demais. Coloquei a mala no chão e não sobrou espaço para mim no compartimento. O condutor me mostrou como enfiá-la embaixo da cama. Depois ficou parado por ali, à espera de uma gorjeta.

– Alguém mais vai viajar nesta cabine?

Até aquele momento, não me passara pela cabeça que eu pudesse ter companhia; o viajante que percorre longas distâncias parte do princípio que – como está indo para tão longe – vá viajar sozinho. Acha inconcebível que alguém mais tenha tido a mesma boa ideia.

O condutor deu de ombros, talvez sim, talvez não. Diante da resposta vaga, não lhe dei gorjeta. Fui dar uma caminhada pelo corredor: vi um casal japonês em um leito duplo – foi a primeira e última vez que os vi; um casal de americanos idosos na cabine ao lado; uma francesa gorda vigiando a linda filha; uma garota belga de estatura extraordinária – tinha bem mais de um metro e oitenta e calçava sapatos enormes – que viajava com uma francesa chique; e (a porta já estava se fechando) uma freira ou uma satanista gorducha. No final do carro, um homem com uma blusa de gola rulê, boné de marinheiro e monóculo estava colocando garrafas no peitoril da janela: três de vinho, uma de água Perrier e uma bojudá de gim – era óbvio que pretendia percorrer uma boa distância.

---

\* *Pacific 231* é uma música do compositor suíço Arthur Honegger (1892-1955) associada ao andamento de uma locomotiva a vapor, assim como o nosso *Trenzinho Caipira*, de Villa-Lobos. (N. do T.)

Vi Duffill parado em frente à minha cabine. Estava ofegante; tivera dificuldade para encontrar o vagão certo, disse ele, pois seu francês estava muito enferrujado. Respirou fundo, tirou o sobretudo de gabardine e o pendurou no gancho ao lado do meu, juntamente com o boné.

– Vou deitar nesta – disse ele, dando umas palmadinhas na cama de cima. Notei que, embora fosse um homem pequeno, parecia preencher toda a cabine.

– Até onde você vai? – perguntei corajosamente. Ainda que soubesse a resposta que ele daria, contraí o rosto quando a escutei. Eu planejara estudá-lo a certa distância; contava ter a cabine só para mim. A companhia dele era má notícia. Ele percebeu meu desagrado. Disse:

– Não vou incomodar você. – Seus embrulhos estavam no chão. – Só preciso achar um lugar para isso.

Saí para dar uma volta. Meia hora mais tarde, retornei à cabine. As luzes estavam acesas. Duffill dormia no leito de cima, com o paletó do pijama abotoado até o pescoço e o rosto voltado para a luz. Parecia um cadáver. Tinha uma expressão de angústia nos traços retesados. Sua cabeça trepidava no ritmo do trem. Apaguei a luz e me enfiei na cama. Mas não consegui dormir de imediato; o resfriado, tudo o que bebera e o cansaço me mantiveram acordado. Então, alguma coisa me alarmou: um círculo luminoso. Era o relógio de Duffill, cujo braço escorregara da cama e balançava para lá e para cá, acompanhando os movimentos do trem – fazendo com que o mostrador esverdeado passasse diante de meus olhos como se fosse um pêndulo.

De repente, o mostrador desapareceu. Ouvi Duffill descendo a escada, gemendo a cada degrau. O mostrador se moveu para o lado, em direção à pia, e a luz foi acesa. Virei-me para o lado da parede, ao perceber que Duffill retirava o penico do armário embaixo da pia. Esperei. Depois de alguns infundáveis momentos, ouvi um suave borbulhar que mudava de tom à medida que o penico enchia, seguido por um som sibilante como um suspiro. Então a luz se apagou e a escada rangeu. Duffill soltou um último gemido, e eu dormi.

De manhã, Duffill havia saído. Permaneci no leito e empurrei a cortina da janela com a ponta do pé; depois de alguns centímetros,

a cortina se enrolou para cima, revelando uma montanha ensolarada; eram os Alpes, que passavam resplandecentes pela minha janela. Naquela manhã, pela primeira vez, vi o sol brilhar depois de muitos dias. E acho que esta é a melhor ocasião para dizer que continuou brilhando nos dois meses seguintes. Viajei sob céu claro até o sul da Índia. Só então voltei a ver chuva, durante as últimas monções de Madras.

Em Vevey, tratei-me com um copo de sal de fruta; em Montreux, senti-me bem o bastante para fazer a barba. Duffill chegou a tempo de admirar meu barbeador elétrico recarregável. Disse que usava lâminas e, nos trens, sempre se cortava. Mostrou um cortezinho na garganta e então me disse seu nome. Iria passar dois meses na Turquia, mas não me contou o que faria lá. À luz do sol, parecia muito mais velho do que na cinzenta estação Victoria. Presumi que tivesse uns 70 anos. Não demonstrava nenhuma vivacidade. Eu não conseguia imaginar o que levaria alguém a passar dois meses na Turquia, a não ser que fosse um vigarista em fuga.

Ele olhou para os Alpes e disse:

– Dizem que se os suíços tivessem projetado essas montanhas, hum, elas seriam mais planas.

Então, começou a comer o resto de seu salame. Ofereceu-me um pouco, mas eu disse que pretendia tomar meu café da manhã em alguma estação italiana. Ele levou à boca o pedaço de salame, mas, quando ia dar uma mordida, entramos em um túnel e tudo escureceu.

– Acenda as luzes – disse ele. – Não consigo comer no escuro. Não sinto o gosto das coisas.

Tateei em busca do interruptor e o liguei, mas continuamos no escuro.

– Talvez eles estejam querendo economizar eletricidade – sugeriu ele.

Na escuridão, sua voz soava muito próxima do meu rosto. Fui até a janela e tentei enxergar as paredes do túnel, mas só vi escuridão. O matraquear das rodas do trem parecia mais alto no escuro. O trem estava ganhando velocidade. O movimento e a escuridão provocaram em mim uma sufocante sensação de claustrofobia e uma aguda percepção dos odores da cabine – o salame, as roupas de Duffill, as crostas de pão.

Alguns minutos se passaram, e continuávamos no túnel; parecia que estávamos nos precipitando em um poço, um grande escoadouro nos Alpes que iria nos atirar nas entranhas mecânicas da Suíça, em meio a engrenagens glaciais e cucos congelados. Duffill disse:

– Este túnel deve ser o Simplon.

– Eu gostaria que eles acendessem as luzes – comentei.

Ouvi Duffill embrulhando o resto do salame e enfiando o pacote em algum canto.

– O que você vai fazer na Turquia? – perguntei.

– Eu? – respondeu Duffill, como se a cabine estivesse lotada de idosos viajando para a Turquia, prontos para declarar o motivo da viagem. Depois de uma pausa, disse: – Vou ficar em Istambul uns dias. Depois vou dar uma volta pelo país.

– A trabalho ou lazer?

Eu estava morrendo de curiosidade e, abrigado pela escuridão, não me sentia muito mal em coagir o velho; ele não podia ver a ansiedade em meu rosto. Mas sentia em suas respostas uma trêmula hesitação.

– Um pouco de cada coisa.

Isso não ajudava muito. Esperei que ele dissesse mais alguma coisa. Como não acrescentou mais nada, perguntei:

– O que você faz exatamente, sr. Duffill?

– Eu? – repetiu ele. Mas antes que eu pudesse fazer o comentário sarcástico que ele estava merecendo, o trem saiu do túnel e a cabine se encheu de luz. Ele disse: – Já deve ser a Itália.

Então, colocou o boné de tweed. Quando viu que eu estava olhando para ele, comentou:

– Tenho este boné há anos, 11 anos. Deve ser lavado a seco. Comprei em Barrow-on-Humber. – Então, pegou o pacote com o salame e reiniciou a refeição que o Simplon interrompera.

Às 9h35, paramos na estação italiana de Domodossola, onde um homem servia café de um jarro e vendia a comida que lotava seu carrinho. Havia frutas, pães diversos, vários tipos de salame e sacolas de comida que, segundo ele, continham *tante belle cose*. Ele também tinha garrafas de vinho. Um inglês, que se apresentou como Molesworth, comprou um Bardolino e (“para prevenir”) três garrafas de Chianti. Eu

comprei um Orvieto e um Chianti. Duffill apanhou uma garrafa de clarete.

Molesworth disse:

– Vou levar as garrafas para a minha cabine. Você pode me comprar uma dessas sacolas de comida?

Comprei duas sacolas de comida e algumas maçãs.

– Dinheiro inglês, eu só tenho dinheiro inglês – disse Duffill.

O italiano pegou a nota de uma libra da mão do velho e lhe deu o troco em liras.

Molesworth retornou e disse:

– Essas maçãs precisam ser lavadas. Está havendo uma epidemia de cólera aqui. – Olhou para o carrinho e acrescentou: – Acho que vou levar *duas* sacolas, só como medida de precaução.

Enquanto Molesworth comprava mais comida e outra garrafa de Bardolino, Duffill disse:

– Viajei neste trem em 1929.

– Naquela época valia a pena andar nele – respondeu Molesworth. – Sim, era um ótimo trem.

– Quanto tempo vamos ficar aqui? – perguntei.

Ninguém sabia. Molesworth chamou um guarda da estação:

– Muito bem, amigo, quanto tempo vamos ficar parados aqui?

O guarda deu de ombros. Nesse momento, o trem começou a recuar.

– Você acha que devemos embarcar? – perguntei.

– Está andando para trás – disse Molesworth. – Espero que estejam manobrando.

O guarda chamou:

– *Andiamo*.

– Os italianos adoram usar uniformes – disse Molesworth. – Olhe só para ele. E os uniformes são sempre horrorosos. Os italianos parecem crianças grandes. Você está falando com a gente, amigo?

– Acho que ele quer que a gente suba – disse eu. O trem tinha parado de andar para trás. Pulei a bordo e olhei para baixo. Molesworth e Duffill estavam ao pé da escada.

– Você está carregando embrulhos – observou Duffill. – Suba primeiro.

– Estou bem – disse Molesworth. – Pode subir.

– Mas você está com embrulhos – disse Duffill. Tirou um cachimbo do casaco e começou a sugar a piteira. – Vá lá. – E recuou para dar passagem a Molesworth.

Molesworth insistiu:

– Tem certeza?

Duffill tirou o cachimbo da boca.

– Eu não fiz o percurso todo em 1929. Só fiz isso depois da Segunda Guerra – disse ele. Recolocou o cachimbo na boca e sorriu.

Molesworth subiu a bordo – lentamente, pois estava carregando uma garrafa de vinho e a segunda sacola de comida. Duffill segurou os balaústres ao lado da porta para subir. Nesse momento, o trem começou a se mover. Ele soltou os balaústres e abaixou os braços. Dois guardas que estavam na plataforma se aproximaram e tentaram empurrá-lo até as escadas do Vagão 99. Duffill resistiu ao abraço dos italianos e começou a recuar. Depois, deu um sorriso melancólico em direção às escadas que se afastavam. Enquanto olhava o trem que passava rapidamente diante dele, parecia ter 100 anos.

Nunca mais vi o sr. Duffill. Quando estávamos comprando alimentos, na plataforma de Milão, Molesworth disse:

– É melhor a gente subir. Não quero ser duffillado.

Deixei a mala e os pacotes dele em Veneza, com um bilhete. Muitas vezes me perguntei se ele havia encontrado seus pertences e seguido para Istambul.

Uma das poucas coisas que o sr. Duffill me dissera fora que vivia em Barrow-on-Humber, em Lincolnshire.

Era uma localidade pequena – uma igreja, uma estreita rua principal, um solar e algumas lojas. Tinha um ar de monotonia rural que era como o zumbido de uma abelha voando lentamente de flor em flor. Ninguém nunca ia lá; as pessoas simplesmente deixavam o lugar e jamais regressavam.

Andei pela rua e avistei um homem.

– Com licença, você conhece um sr. Duffill?

Ele assentiu.

– A loja da esquina.

A loja da esquina tinha um pequeno letreiro que dizia: FERRA-GENS DUFFILL. Mas estava fechada. Um retângulo de cartolina na janela informava: DE FÉRIAS. Falei em voz alta:

– Que droga!

Uma senhora estava passando. Percebeu que eu estava irritado e me perguntou se eu precisava de alguma orientação. Eu disse que estava procurando pelo sr. Duffill.

– Ele só volta daqui a uma semana – disse ela.

– Aonde ele foi desta vez? – perguntei. – Espero que não tenha ido para Istambul.

Ela disse:

– Você está procurando por *Richard* Duffill?

– Sim – respondi.

Ela levou as mãos ao rosto e, antes que falasse, eu sabia que ele estava morto.

– O nome dele era Richard Cuthbert Duffill. Ele era um homem bem incomum – disse sua cunhada, a sra. Jack Duffill.

Ela vivia em Glyndbourne, um bangalô logo depois da igreja. Não me perguntara quem eu era. Para ela, parecia muito natural que alguém inquire sobre a vida daquele homem estranho, que morrera havia dois anos, aos 79 anos. Ele tinha a idade do século – estava com 73 anos quando descera do Expresso do Oriente em Domodossola. A sra. Jack perguntou:

– Você conhece a vida aventureira dele?

– Não sei nada a respeito dele – disse eu. Tudo o que eu sabia era o nome dele e o de sua cidade.

– Ele nasceu aqui mesmo, em Barrow, numa das casas do solar do sr. Uppleby. Os Duffill eram empregados dele. Naquela época havia empregados. O pai de Richard era o jardineiro e a mãe dele, uma das criadas. Eles eram muito pobres...

Mas Richard Duffill era brilhante. Com 11 anos foi encorajado pelo diretor da escola local a ingressar na Escola Técnica de Hull. Ele era excelente em matemática, mas também tinha talento para línguas. Aprendeu francês, latim, alemão, russo e espanhol em Hull, enquanto

ainda era adolescente. Quando tinha 12 anos, seu pai morreu e ele se tornou um tanto introspectivo. O sr. Uppleby se interessou por ele, mas o garoto permanecia trancado em casa, lendo ou fazendo as lições. Ou então dava longas caminhadas sozinho.

Sua principal diversão era nadar – e sua habilidade no esporte fez com que se tornasse herói local. Certo dia de verão, em 1917, ele fora nadar com alguns amigos numa lagoa perto de uma pedreira chamada Brick Pits, próxima a Humber Bank. Um dos garotos, um tal de Howson, começou a se debater. Ele gritou e, então, desapareceu nas águas turvas. Duffill mergulhou várias vezes para procurá-lo e, finalmente, subiu à tona com Howson e o levou até a margem, salvando a vida do garoto. Alguns dias depois, o jornal de Hull relatou a história, com a manchete: UM CORAJOSO GAROTO DE BARROW.

Pela façanha, Duffill, que era escoteiro, recebeu a Cruz de Prata por Bravura. Foi a primeira vez que tal honra foi concedida a um escoteiro de Lincolnshire. Alguns meses mais tarde, o Fundo Carnegie presenteou Duffill com um relógio de prata “por bravura” e lhe entregou uma soma em dinheiro “para ajudá-lo em sua educação e futura carreira”.

Em 1919, fluente em meia dúzia de línguas e ainda jovem, Duffill foi enviado a Allenstein, no que era então a Prússia Oriental, para trabalhar na Comissão Interaliada, organizada no final de Primeira Guerra Mundial. Ele ajudava a identificar prisioneiros e fazia trabalhos burocráticos na Corte Especial de Justiça. Nos anos seguintes, fez a mesma coisa em Klagenfurt (Áustria) e Oppeln (Opole, na Alta Silésia – hoje território polonês). Berlim foi o próximo destino. Duffill ingressou na Price Waterhouse, a célebre firma de auditoria. Passou dez anos em Berlim. De repente, em 1935, pediu demissão do emprego e saiu do país – fugiu, segundo algumas pessoas –, retornando à Inglaterra.

Politicamente, ele estava à esquerda. Seus amigos em Berlim achavam que poderia estar coletando informações para o serviço secreto britânico. (“Nós sentíamos que ele tinha o perfil do agente ideal”, disse-me um velho amigo de Duffill.) De qualquer forma, ele deixou a Alemanha tão subitamente que muitos acharam que ele estivesse sendo perseguido por agentes nazistas ou por integrantes da Sturm Abteilung. Ele voltou

para casa a salvo e também conseguiu retirar da Alemanha todo o dinheiro que tinha (“uma façanha extremamente ousada e inteligente”, disse-me outro amigo. “A fortuna dele era considerável.”).

Segundo algumas especulações, ele pode ter sofrido um colapso nervoso na época. O fato é que desapareceu durante um ano. Reapareceu em 1936, como contador-chefe de uma companhia cinematográfica americana. Dois anos mais tarde, uma carta de referência dizia que Duffill tinha “profundo conhecimento de diversos aspectos da indústria do cinema”. Em 1939 houve outra lacuna, que durou até 1945: a guerra, com certeza – mas onde esteve Duffill? Ninguém conseguiu me explicar. Seu irmão disse: “Richard nunca conversava conosco sobre sua vida profissional ou sobre as viagens que fazia pelo mundo.”

No final dos anos 1940, aparentemente, ele reingressou na Price Waterhouse e viajou por toda a Europa. Esteve no Egito e na Turquia; retornou à Alemanha; foi à Suécia e à Rússia – “ele tinha enorme admiração pelos líderes desses países”.

Depois que se aposentou, continuou a viajar. Nunca se casou. Estava sempre sozinho. Mas as fotos que guardava mostravam que ele se vestia com muita elegância – colete, calças de golfista, casaco de caxemira, chapéu *homburg*, alfinete de gravata. Uma das características dos janotas é que usam muitas roupas. As fotos de Duffill mostram isso; e ele sempre usava chapéu.

Também usava peruca, segundo me contaram. “Era grudada na parte de trás.” Ele fizera uma cirurgia no cérebro. “Costumava jogar tênis no Cairo.” Frequentara encontros socialistas na Europa Oriental. Odiava Hitler. Era muito “espiritualizado”, disse-me um de seus velhos amigos. Interessou-se pela filosofia de George Ivanovich Gurdjieff, era amigo íntimo de John Godolphin Bennett, especialista em Gurdjieff. “Depois de algum tempo, Richard se entusiasmou assustadoramente com os dervixes”, disse-me a viúva de Bennett. Era por isto que Duffill estava indo para Istambul, disse ela – para retomar seus contatos com alguns daqueles dervixes que não param de rodopiar!

Mas o que eu queria mesmo saber era o que acontecera com ele depois que o Expresso do Oriente saiu de Domodossola.

A sra. Jack disse:

– Ele saltou em uma estação. Não me disse onde. Tinha deixado a bagagem no trem. O trem partiu. Ele perguntou o horário de chegada do próximo trem, e disseram a ele: cinco horas. Ele pensou: só faltam algumas horas. Mas ele se confundiu. Achou que eles estavam dizendo cinco horas da tarde. Mas eles queriam dizer cinco horas da manhã seguinte. Ele dormiu muito mal. No dia seguinte, ele foi até... até onde? Veneza? Ah, sim, foi lá que ele recolheu sua bagagem. – Era a bagagem que eu deixara com o *controllore*. – Depois, acabou chegando a Istambul.

Então ele tinha conseguido!

Contei à sra. Jack quem eu era e como tinha me encontrado com o sr. Duffill. Ela disse:

– Ah, sim, eu li seu livro! O filho do meu vizinho é um leitor voraz. Ele nos falou do livro. Ele disse: “Acho que vocês devem ver isso; acho que é o nosso sr. Duffill.” Então, todo mundo em Barrow leu o livro.

Eu estava ansioso para saber se o próprio sr. Duffill tinha lido o livro.

– Eu queria que ele desse uma olhada – disse a sra. Jack. – Até guardei um exemplar para ele. Mas, quando ele chegou, não estava se sentindo bem. Nem viu o livro. Quando apareceu de novo, eu me esqueci de falar do livro. E foi a última oportunidade, realmente. Ele teve aquele derrame e foi decaindo. E morreu. Então, ele nunca viu o livro...

“Graças a Deus”, pensei.

Como aquele estranho era interessante! Parecia fraco, idoso, um pouco maluco e meio suspeito no Expresso do Oriente. Típico, foi o que eu pensei. Mas agora eu sabia como ele fora incomum – bravo, bom, reservado, diligente, solitário, brilhante. Tinha dormido e roncado no beliche em minha cabine. Eu não o conhecera; mas, quanto mais coisas descobria sobre ele, mais sentia sua falta. Teria sido um privilégio conhecê-lo pessoalmente. Entretanto, mesmo se ficássemos amigos, ele jamais confirmaria minha forte suspeita: a de que, com certeza, fora um espião.